

Abordagem Complexa e Desenvolvimento Local por meio do Turismo Solidário: o caso da rede “Brasilidade Solidária”

Enfoque complejo y Desarrollo Local a través del Turismo Solidario: el caso de la red "Brasilidade Solidária"

Complex approach and Local Development through Solidarity Tourism: the case of network "Brasilidade Solidária"

Rafael Ângelo Fortunato¹
Elza Neffa²

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre as potencialidades de o turismo solidário contribuir para o desenvolvimento local, sendo pensado a partir de uma abordagem complexa e como o conceito do mesmo, representado pelos “6V’s”, funciona na análise da “Horta Comunitária do Morro da Coroa”, influenciada pelas concepções da “Rede Brasilidade Solidária”. O turismo solidário é compreendido a partir das discussões sobre complexidade, fenomenologia e desenvolvimento local e para sua melhor compreensão, apresentam-se reflexões sobre os sinais de uma crise paradigmática e a possível transição para um novo paradigma científico. Faz-se isso a partir de uma revisão bibliográfica. Em seguida, trabalha-se com análises feitas por meio da fenomenologia e da observação participante, durante um ano, na horta comunitária. Foi observado as potencialidades dos “6Vs” do turismo solidário como pilares de um novo conceito. Constatou-se ainda que a formação de redes, como proposto, é um importante instrumento para a atuação política, que visa fortalecer iniciativas voltadas para o desenvolvimento local.

Palavras-Chave: turismo solidário; socioambientalismo; desenvolvimento local; ciências.

Resumen

Este artículo reflexiona sobre el potencial del turismo solidario contribuir al desarrollo local, siendo considerado como un enfoque complejo y como su concepto, representado por "6V's", trabaja en el análisis de la "Horta Comunitária do Morro da Coroa", influido por los

¹ Doutorado em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrado em Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Araraquara. Graduação em Turismo pela Universidade de Marília. Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Turismo da UERJ. Brasil. E-mail: rafael.fortunato@uerj.br.

² Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre em Filosofia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Pedagoga pelo Centro de Ensino Superior de Valença da Fundação D. André Arcoverde (CESVA/FA). Professora Adjunta do Doutorado em Meio Ambiente da UERJ. Brasil. elzaneffa@hotmail.com.



conceptos de la Red de “Brasilidade Solidária”. El Turismo solidario se entiende de las discusiones de la complejidad, la fenomenología y el desarrollo local y para una mejor comprensión, presenta reflexiones sobre los signos de una crisis de paradigma y la posible transición a un nuevo paradigma científico. Esto se hace a partir de una revisión de la literatura. A continuación, trabajar con los análisis realizados por la fenomenología y la observación participante durante un año en el jardín de la comunidad. Se observó el potencial del turismo solidario “6Vs” como pilares de un nuevo concepto. También se encontró que la formación de redes, tal como se propone, es un importante instrumento para la acción política que tiene como objetivo fortalecer las iniciativas para el desarrollo local.

Palabras-clave: turismo solidário; desarrollo local; ciencias.

Abstract

This article was written with the intention reflecting the potentials of solidary tourism and its contribution to local development, considering its complex approach and how its “6V” concept works through the analysis of the Horta Comunitária do Morro da Coroa (Morro da Coroa’s Community Garden) and how it’s influenced by the concepts of the “Rede Brasilidade Solidária”. Solidary tourism is understood through the discussions involving its complexity, phenomenology and local development. For its better understanding, reflections regarding possible crisis of paradigm and possible transitions into new scientific paradigms are introduced. All these subjects are brought up through bibliographic research followed by analysis done through phenomenology and observations made during a one-year period on the community garden. The potential of the “6V’s” of solidary tourism were observed as the being the pillars of a new concept. Furthermore it was observed that the formation of networks, as proposed, is an important instrument for political actions that have the intentions of strengthening local development initiatives.

Keywords: solidarity tourism; socioenvironmentalism, local development, science

1. Introdução

As discussões sobre desenvolvimento local e turismo solidário perpassam concepções contra-hegemônicas que, pensadas de modo transversal por diversas áreas do saber, configuram uma abordagem complexa capaz de contribuir para a promoção da inclusão social e da justiça ambiental.

Este artigo pretende analisar o fenômeno do turismo incorporando as discussões advindas da abordagem complexa, em sua base epistemológica, e identificar a potencialidade do turismo solidário para o desenvolvimento local, a partir da apresentação da Rede Brasilidade Solidária e da análise da “Horta Comunitária do Morro da Coroa/Rio de Janeiro/Brasil”.

A Rede Brasilidade Solidária visa a formar redes de empreendimentos turísticos que, de alguma forma, se aliam ao turismo solidário, cuja direção se aproxima das ideias amplamente discutidas sobre o turismo sustentável e sobre o turismo de base comunitária, embora pretenda avançar e refletir sobre as relações existentes entre natureza, cultura, encontros e comercialização solidária de produtos.

Este estudo é composto de dois movimentos metodológicos. O primeiro refere-se às revisões bibliográficas e a pesquisa de campo realizada no Vale do Jequitinhonha-MG e, o segundo momento, refere-se à pesquisa de campo feita na Horta Comunitária do Morro da Coroa-RJ. No entanto, a pesquisa no Vale do Jequitinhonha não será apresentada neste estudo, apesar dos seus resultados terem dado origem aos “6 Vs” do turismo solidário, considerados aqui como os pilares conceituais do termo. Tal pesquisa poderá ser visualizada em Fortunato (2011).

O estudo de campo na horta ocorreu com influência da pesquisa-ação que, na perspectiva de Thiollent (2011, p.20),

...é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Trabalhou-se, também, com o método fenomenológico, que pretende entender os significados e as essências atribuídas a determinado fenômeno, no caso, o turismo na horta comunitária. Depois de elencar as unidades de significados, após a experiência no campo, fez-se uma nova análise, nesse momento, a partir dos “6 Vs” (visitação, vivências, vendas, vínculos, veiculação e validação) originários, como visto, no primeiro movimento metodológico, que se refere à pesquisa com base fenomenológica sobre o turismo solidário no Vale do Jequitinhonha-MG.

A referida análise é importante para entender o funcionamento conceitual do turismo solidário e avançar na construção de uma nova base epistemológica para o campo do turismo. Os “6



Vs” representam uma abordagem complexa que procura promover o desenvolvimento local por meio do turismo solidário.

O estudo compõe-se de quatro seções. Na primeira, são apresentadas reflexões epistemológicas em relação à ciência, ancorando-se nas discussões relacionadas à complexidade. Demonstra-se a importância da abordagem complexa e suas relações com o desenvolvimento local. Em seguida, apresenta-se o turismo solidário na concepção da Rede Brasilidade Solidária, para depois ilustrar o funcionamento conceitual do mesmo nas análises da “Horta Comunitária do Morro da Coroa”. Ao lançar o olhar complexo para a horta surgem novas ideias sobre as potencialidades de o turismo solidário contribuir com o desenvolvimento local.

2. Abordagem Complexa e Desenvolvimento Local

Tendo em vista o momento atual, no qual a humanidade discute os problemas socioambientais na perspectiva de mudar os rumos e os padrões de produção e de consumo, trabalha-se com a ideia de que se vivencia um momento de crise no modo como os seres humanos se apropriam da natureza no planeta terra e de como pensam a realidade.

Dessa forma, abre-se espaço para se questionar as ciências ou a “ciência normal” (KHUN, 2011), responsável, de certo modo, por moldar a percepção de mundo dos sujeitos planetários. Pensar essa temática demanda que se recorra a diversas correntes filosóficas, visto que as mesmas têm influenciado o modo como os seres humanos constroem a realidade, uma vez que o pensamento criador e contestador dos filósofos está presente na reflexão sobre os mistérios, as incertezas e as contradições dessa realidade.

A trajetória que relaciona pensamento filosófico e ciência apresenta, na modernidade, momentos históricos nos quais a ciência se afasta dos conhecimentos advindos do senso comum. A partir desse afastamento, desenvolve-se uma visão utilitarista do ambiente natural e alguns indivíduos desprovidos de um sentimento que os une ao todo passam a desconsiderar o conhecimento produzido por meio dos sentidos, entendendo-os como passíveis de equívocos e de contestações.



Segundo Pelizzoli (2002, p.19), nessa lógica, o conhecimento se estabelece a partir da visão dicotômica dos elementos que compõem o todo, o que gera o reducionismo “dos fenômenos físicos a relações matemáticas exatas”. Branco (1999) acrescenta que o reducionismo é tomado como a tendência a admitir que qualquer corpo (ou fenômeno) poderá ser dividido em unidades menores, as quais deverão ser examinadas isoladamente. Essa forma de conceber o universo contribuiu para o surgimento do que chamamos de antropocentrismo, corrente que ganhou notoriedade com Francis Bacon (1561-1626), onde os seres humanos eram considerados superiores à natureza, conspirando para tornar seus desejos realizáveis. A partir daí, o “objetivo da ciência passou a ser alcançar o conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza” (CAPRA, 1996, p.51) e, segundo Coimbra (2002, p.194), “para Bacon, a natureza deve ser tratada com rigor e submetida, como escrava, ao arbítrio do homem, no sentido de fornecer-lhe tudo de quanto este precisar”.

Nessa mesma linha baconiana, René Descartes (1596-1650), com o seu “Discurso do Método”, relata uma maneira de conceber o verdadeiro conhecimento científico, ao prever: “conduzir por ordem nossos pensamentos, indo do mais simples aos mais confusos (...), dividir as dificuldades em tantas partes, quanto possível (...), fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que se esteja seguro de nada omitir” (1960, pp. 67-68). Tais concepções foram complementadas pelas gerações seguintes, destacando-se Newton (1642–1727) “que, embora tenha dado grande impulso às ciências experimentais e ao desenvolvimento tecnológico e industrial, subtraiu do conhecimento sua visão holística e contribuiu para desagregação do saber” (COIMBRA, 2002, p. 194).

Em síntese, a ciência aplicada nos séculos subsequentes estabeleceram algumas bases para a construção do conhecimento (MORIN, 2003), podendo-se destacar a noção do universo como estável e harmônico; o mundo mecânico, quantificável e objetivo; a realidade simples, ordenada, uniforme e linear; as regras claras e distintas; as explicações gerais e, portanto, unificadoras; a natureza regular e previsível; a ciência neutra; o método experimental; a observação objetiva dos fatos.

Nesse paradigma científico denominado mecanicista, a realidade é comparável às engrenagens de um relógio e o mundo, dividido em partes, deixa de considerar o ser humano como integrante da natureza.



Nesse processo de racionalização instrumental, a ciência livra-se de sentimentos, de emoções e de paixões e interpreta o ambiente natural a partir de “uma posição superior”, de onde os cientistas decifram a realidade separando-a em partes para melhor analisá-la.

No século XX, emerge um novo paradigma de ciência que alguns autores, como Santos (2005), chamam de paradigma de ciência na pós-modernidade.

Para problematizar a concepção racionalista, Mourois (s/d), faz uma reflexão questionando Descartes:

Como conduzir por ordem seus pensamentos quando o fator tempo se torna o principal? Como nada omitir, quando os dados do problema são inumeráveis? O método desenha em nós um microcosmo de cristal e de ação cujas engrenagens maravilhosamente talhadas se encaixam com uma precisão admirável, mas sabemos bem que o vasto mundo não é feito à imagem desse relógio preciso e transparente. As folhas agitadas pelo vento, as nuvens varridas pela tempestade, os trabalhos dos campos e as paixões das cidades não encontram aqui seu lugar (s/d, p.28)

O discurso de Mourois anunciando os dados do problema como inumeráveis aponta para a complexidade do mundo. O pensamento complexo ancora-se nas relações surgidas com a termodinâmica (PRIGOGINE, 1996), onde emergem evidências sobre o fato de que o simples arranjo entre elementos em desordem leva a um salto qualitativo, de tal forma que o sistema de elementos pode possuir propriedades não contidas em cada elemento de forma isolada.

A física, “rainha das ciências”, encontra dificuldade para entender se a matéria, em sua menor parte, se apresenta como onda ou partícula, restando a possibilidade de vislumbrar uma face do fenômeno total. Nesse caso, é possível dizer que as duas possibilidades estão presentes, eliminando, assim, a dualidade, caracterizada por um processo “lógico” do “isso ou aquilo”, que segrega, separa. Nessa concepção, ganha destaque o papel do observador, pois Bohr (1995) percebeu que o mesmo influencia os resultados das análises. Em um dos experimentos mais significativos, conhecido como o “experimento da fenda dupla”, o observador modifica o comportamento da matéria.

Nesse contexto, Morin (2003) trabalha para que uma nova base epistemológica possa embasar o conhecimento científico pautado na teoria de sistemas complexos. O autor faz uma leitura

dos seres humanos e de suas relações apropriando-se das inovações no campo da física, assim como tinha feito Auguste Comte (1798-1857) para olhar as ciências sociais a partir da concepção cartesiana e fundar o positivismo, transferindo para análises sociológicas a busca pelas certezas e determinismos no campo do saber.

Morin (2003) anuncia um reducionismo científico à teoria que privilegia o entendimento das partes isoladas e não as sinergias e o dinamismo do todo. Nesse sentido, complementa que: “é preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo no sentido originário do termo ‘complexus’: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89).

Quando Mourois ressalta “as paixões da cidade” remete-nos a uma incerteza inerente ao conhecimento, pois emoções, sabedoria e objetivos individuais não podem ser esclarecidos, pois fazem parte da subjetividade humana e interferem na concepção das ciências.

Nesta linha interpretativa, Morin (2003) acrescenta que existem três princípios de incerteza no conhecimento: o primeiro é cerebral (o conhecimento não é um reflexo do real, mas sempre verdades aproximadas), o segundo é físico (o conhecimento dos fatos é sempre tributário de interpretação) e o terceiro é epistemológico decorrendo da crise dos fundamentos da certeza científica.

Leff (2001) também discursa sobre o novo conhecimento que deve conduzir às ciências na atualidade, chamando-o de saber ambiental e diz que as transformações induzidas pelo saber ambiental têm efeitos epistemológicos (mudanças nos objetos de conhecimento), teóricos (mudanças nos paradigmas de conhecimento) e metodológicos (inter/transdisciplinaridade, sistemas complexos). Basicamente, o saber ambiental parte da busca incessante pelo diálogo entre ciências e saberes tradicionais, entre a razão instrumental, utilitarista, cartesiana e a racionalidade ambiental que incorpora a emoção, os sentidos e o sujeito político com suas múltiplas determinações às “equações” do saber. Assim, parte-se para construção de uma ciência que coloca os interesses coletivos acima dos interesses individuais e que problematiza as áreas sob o ponto de vista das incertezas, devido à grande complexidade de fatores envolvidos nas caracterizações dos objetos de estudo.

Neste sentido, Morin chama a atenção dizendo que “é preciso aprender a enfrentar as incertezas, já que vivemos em uma época de mudança em que os valores são ambivalentes,



em que tudo é ligado” (2003, p. 84). Destaca também que a razão instrumental não foi capaz de incorporar a ideia de sabedoria. Segundo Morin (2000, p. 16- 17), “não conseguimos integrar nossos conhecimentos para condução de nossas vidas. Nesse sentido, Eliot acrescenta: “onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” Sabedoria de integrar o processo de construção do conhecimento, eliminando as supostas barreiras entre racionalidade e irracionalidade, emoção e razão, pensamento científico e saber tradicional, ser humano e natureza.

Seguindo a linha do pensamento complexo, apresentada por Morin (2003), a construção do conhecimento basear-se-ia nos pressupostos de que tudo está ligado; o mundo natural constitui-se de antagônicos que são, ao mesmo tempo, complementares; as ações são circulares e não lineares; os fenômenos têm variadas causas e são interdependentes; o sistema possui subsistemas e é parte de sistemas maiores; o observador é parte constituinte do fenômeno e seu olhar interfere na realidade; o dogmatismo e a unidirecionalidade reduzem a percepção da totalidade.

Em resumo, um novo paradigma de ciência se traduz da parte para o todo, da estrutura para o processo, da ciência objetiva para a ciência epistêmica, das descrições verdadeiras para a descrição aproximada, das certezas para as probabilidades (MORIN, 2001; 2003; 2005). Tais concepções abrem perspectivas para mudanças de paradigmas no campo das ciências e caminhos para que as mesmas ganhem legitimidade passando pela problematização das trilhas percorridas pelos cientistas ao produzirem o conhecimento científico, ou seja, passando pelo esforço de clarificação metodológica.

A metodologia é o estudo do percurso a ser adotado por determinada pesquisa. Desse modo, considera-se importante traçar algumas considerações de caráter filosófico que dão sustentação à complexidade no campo do saber como parte desse processo de revolução científica. A metodologia relaciona-se às bases epistemológicas que procuram entender como o real é reproduzido e interpretado no plano ideal do pensamento (NETTO, 2011). Na concepção dialética, a teoria busca a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa. Interpretando o método dialético, Paulo Netto esclarece que, “pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correto



e verdadeiro quanto mais fiel o sujeito for ao objeto” (2001, p. 21). Nessa perspectiva, o conhecimento teórico é o conhecimento que pretende apreender a essência do fenômeno, sendo esta entendida como captura da estrutura e da dinâmica do objeto por meio de procedimentos analíticos que operam uma síntese, por meio da qual o pesquisador reproduz a essência no plano ideal do pensamento, mediante a pesquisa viabilizada pelo método (NETTO, 2011, p.22).

Com essas discussões no campo das ciências e da metodologia, os pesquisadores deixam de ser simplesmente descobridores da realidade para assumirem o papel de construtores da realidade. A ideia de neutralidade no campo da ciência é contestada. Essa abordagem pode ser expressa da seguinte forma: a realidade é mais construída do que dada, imanente. Este é um dos paradigmas defendidos por filósofos como Richard Rorty (2007) quando apresenta a linguagem como uma simbolização do real e não uma descrição de um dado incontestável. Nessa perspectiva, não se trata de descobrir como a natureza funciona, mas sim aprimorar conceitos que sejam capazes de construir uma humanidade mais solidária e fraterna. Não se trata de quem possui um saber que se aproxima mais da realidade, mas de quem propõe um saber que integra e unifica tanto as diferenças entre “verdades” como, consequentemente, os diferentes seres humanos.

Nesse contexto, considera-se que a metodologia, como um instrumento da revolução científica, não se sustenta na simples projeção de cenários futuros por meio de uma concepção determinista e linear que, em muitos casos, alinha-se à ciência mecanicista/cartesiana.

Morin (2007) destaca que a metodologia se aproxima mais de uma concepção estratégica do que de um programa, pois a mesma apresenta-se como aberta e evolutiva, comportando incertezas e fazendo uso criativo da imprevisibilidade.

Vale ressaltar, que a crise paradigmática sinaliza para uma transformação no campo das ciências e é, em grande parte, responsável pelos problemas socioambientais vivenciados na atualidade. No campo do turismo, por exemplo, Beni (2006) ressalta que o mesmo ainda não atingiu índices elevados de desenvolvimento por falta de uma visão contextualizada. Não se trata de dispensar o conhecimento construído pela ciência racionalista, mas sim ampliar as concepções dos saberes considerados “válidos” e “importantes”.



Nesse ponto, torna-se relevante lembrar-se dois nomes que marcaram o campo da ciência - o primeiro, Isaac Newton, que dizia ter chegado tão longe pois estava sobre os ombros do gigante, demonstrando a importância da herança cultural construída pelo campo da ciência e, o segundo, Einstein, dizia que nenhum problema pode ser superado a partir do mesmo paradigma que o criou - a partir dos quais se pretende eliminar o dualismo.

Não se trata, portanto, de pensar um paradigma de modo intransigente, arbitrário, mas aberto e evolutivo, pois no campo do saber e das metodologias evidencia-se a complementaridade. Objetiva-se, portanto, inovar nos métodos de análise e de intervenção e, para isto, torna-se importante o estabelecimento de relações dialógicas, de solidariedade e de horizontalidade no campo do saber. Nessa perspectiva, concebem-se as ações no campo da complexidade, com foco nas ideias de sinergias, nas quais o saber acadêmico e o senso comum fundem-se para proporcionar inovações capazes de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Desse modo, o saber local torna-se matéria prima para pensar processos de desenvolvimento local. Com esta abordagem, abrem-se diversos campos de possibilidades que se traduzem em uma concepção na qual o mundo vivido é o mundo da complexidade, das interrelações e posicionamentos políticos e das disputas pelo poder, muitas vezes, marcado fortemente pelo uso de uma linguagem diferenciada.

Santilli (2005) destaca que a “Aliança dos Povos da Floresta”, oficializada em 1989, que defendia o modo de vida (cultura) das populações tradicionais amazônicas, foi um marco para o socioambientalismo brasileiro que, segundo a autora, nasceu

baseado no pressuposto de que as políticas públicas ambientais só teriam eficácia social e sustentabilidade política se incluíssem as comunidades locais e promovessem uma repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da exploração dos recursos naturais. Trata-se de entender as traduções locais para a ideia de proteção dos recursos naturais” (Santilli, 2005, p. 35).

Ainda de acordo com Santilli (2005), de alguma forma as hierarquias entre os diferentes “saberes ambientais”, até então considerados na percepção de uma determinada classe social que se apoia na “ciência normal”, esfacelam-se e buscam outras percepções que revelam usos sustentáveis dos recursos naturais presentes no ambiente. Nesse sentido, percebe-se uma



aproximação do Estado, da ciência e do “poder” com o saber local. Destaca-se, portanto, caminhos próximos das discussões relacionadas ao papel da ciência na pós-modernidade, que considera o real e, conseqüentemente, o turismo, como um fenômeno de múltiplas determinações.

No âmbito do movimento onde florescem as ideias de desenvolvimento local, cabe considerar Buarque (2002) ao destacar a questão da endogenia como sustentação para a qualidade de vida de populações fixadas em uma localidade específica. Nessa perspectiva, o autor ressalta que a multiplicidade e as sinergias existentes em determinados ambientes são potencialidades que podem contribuir para a formação de sujeitos políticos. Parte-se, portanto, da premissa que diferentes percepções da realidade em uma estratégia de encontro pautado no reconhecimento recíproco, aberto e evolutivo, são instrumentos pedagógicos interdisciplinares contribuidores do alargamento da percepção dos indivíduos. Para ele, o

desenvolvimento local depende da capacidade de os atores e as sociedades locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades (BUARQUE, 2002, p.30).

Nessa ótica, Boaventura de Sousa Santos (2007) propõe horizontalidades nos modos de tratar diferentes tipos de conhecimento, sugerindo uma ecologia de saberes. Desse modo, o fazer local pode ser considerado como uma estratégia voltada para o desenvolvimento endógeno, visto que auxilia o crescimento econômico de determinada região, por agregar valor à produção local movimentando sua economia e incorporando aspectos políticos, socioculturais e tecnológicos.

O processo de desenvolvimento local encontra, por meio da descentralização e da participação, possibilidades de contribuir para a construção de sociedades sustentáveis que criam espaços para o surgimento de decisões autônomas. Esses processos de descentralização revelam sua capacidade de transferir o poder de escolha e de decisão para as comunidades e os municípios, o que, segundo Buarque (2002), contribui para a educação política dos cidadãos. Nessa mesma linha de pensamento, Acsehrad e Leroy (1999) e Zaoual (2006) ressaltam que são necessárias novas estratégias para além de uma ideologia do



desenvolvimento a qualquer preço e destacam a importância de se submeter à razão economicista, reducionista, os sujeitos sociais, seus valores e aspirações. Assim como preconizam as ciências na contemporaneidade ao inserir o sujeito nos objetos de conhecimento.

Nessa perspectiva, este artigo analisa a Rede Brasilidade Solidária, seus desdobramentos no turismo solidário, com base nos pressupostos do pensamento complexo e na concepção de desenvolvimento local.

4. A Rede Brasilidade Solidária³ e o Turismo Solidário

A Rede Brasilidade Solidária foi concebida com a intenção de promover o desenvolvimento local por meio do turismo e de contribuir para minimizar os problemas socioambientais ao formar redes de cooperação e divulgar as localidades que se ancoram nas discussões referentes ao turismo solidário, tendo como pressuposto a ideia de que a formação de redes é parte de um processo de atuação política, pois os participantes convergem em relação às diretrizes teóricas e metodológicas para atuação no campo do turismo.

A Rede pretende disseminar uma metodologia que sinaliza para a questão da complexidade e para o turismo solidário. Supõe-se que alguns municípios e associações de moradores possuem potencial para investir no turismo.

A Rede “Brasilidade Solidária” tem como material de primeira provocação à apresentação do “Programa Retrato Brasil”, que revela os modos de implantação e de organização de determinados formatos de turismo relacionados à ideia do turismo solidário. Faz-se isso pensando que, apesar das oportunidades do cenário turístico, existe grande quantidade de grupos e de pessoas que têm dificuldade em empreender um novo negócio nesse segmento. Com capacidade de alcançar pessoas que não estão acostumadas a ler teses acadêmicas, esse programa enfatiza a questão da convivência, da emoção e da motivação, fomentando para que surjam novas iniciativas que contribuam para o desenvolvimento local.

Desse modo, desenvolve-se uma metodologia de trabalho inovadora que busca preencher uma lacuna na relação entre os trabalhos acadêmicos e as pessoas que trabalham ou querem

³ Maiores informações sobre o projeto podem ser obtidas no site: www.brasilidadesolidaria.com



trabalhar no campo do turismo. Busca-se também, contribuir para o desenvolvimento de tecnologias sociais capazes de colaborar para solução de alguns problemas socioambientais por meio de atividades turísticas e da formação de redes. O título “Brasilidade Solidária” foi pensado como uma estratégia de *marketing*, visando a atingir a um público específico que busca, no contato com a população local e na troca de experiências, elementos que garantam a qualidade da sua viagem. Deste modo, além do programa, trabalha-se conforme as etapas da pesquisa-ação, lembrando que não se trabalha, necessariamente, a partir de concepções prévias, a fim de evitar as armadilhas do determinismo e do mecanicismo discutidos anteriormente. O destino ou atrativo que queira se engajar na proposta poderá se pautar no turismo solidário, que incorpora uma abordagem complexa para o desenvolvimento local.

O turismo solidário alinha-se às novas discussões da ciência contemporânea e cumpre uma importante função social, pois integra diferentes olhares para compor o turismo como um fenômeno social de múltiplas determinações.

Longe das abordagens mecânicas e deterministas, o turismo solidário sinaliza para o uso da abordagem complexa no campo do turismo e trabalha com os pressupostos metodológicos sistematizados por Fortunato (2011) e representados nos “6Vs” do turismo solidário (visitação, vivências, vendas, vínculos, veiculação, validação), fazendo alusão aos outros campo do conhecimento, como o marketing, que usa a ideia dos Ps (praça, preço, promoção, ponto de venda) e da educação ambiental que usa a ideia dos Rs (repensar, reduzir, reutilizar e reciclar) para suas sistematizações. Os “6 Vs” são pensados em termos de doação e de recepção simultâneas, ou seja, todos dependem uns dos outros mas, eventualmente, podem ocorrer sozinhos e, não necessariamente existe uma ordem pré-determinada para se chegar a uma conclusão, apesar da ideia disseminada pela tecnologia social (validação) pressupor alguns passos necessários à consolidação da ideia do turismo solidário. Têm-se, portanto, uma abordagem complexa para promoção do turismo, cujos indicadores (Fluxograma 1) e diretrizes sinalizam para a sistematização e o acompanhamento dos processos. A seguir, apresenta-se um resumo de cada um dos “6 Vs” do turismo solidário.



Fluxograma 1 - Indicadores do turismo solidário

Fonte: www.brasilidadesolidaria.com, 2013

4.1. Visitação: roteiros baseados nos saberes locais

Este indicador relaciona-se com a visitação impulsionada pela questão do pertencimento e do fortalecimento de uma identidade territorial capaz de mobilizar os atores sociais para alcançarem objetivos comuns. Trabalha-se predominantemente com a seguinte questão: propõe um cardápio de roteiros inovadores baseados em saberes locais e nos envolvimento em ações sociais e em visitas às associações comunitárias e seus projetos?

Os trabalhos com roteiros baseados em saberes locais proporcionam uma reflexão sobre a história das localidades visitadas, bem como sobre seu diferencial e sua peculiaridade. Cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento local. O estímulo às visitas e aos projetos comunitários é considerado essencial, pois os sujeitos visitados podem se sentir motivados quando seus trabalhos são reconhecidos pelos turistas que, em alguns casos, se tornam parceiros dos projetos.

A história oral tem se apresentado como uma boa estratégia para pensar uma identidade territorial que dê suporte a uma visitação com maior significado.

4.2. Vivências: aumento no nível de intimidade

Este indicador relaciona-se às trocas de experiências no campo do turismo, que fazem do mesmo um ambiente propício para o aprendizado mútuo e para a criação de vínculos que



sinalizam para posturas solidárias. Procura-se responder a seguinte pergunta: proporciona uma convivência de, no mínimo, duas horas por dia entre o turista e a população local, independente de ações voluntárias, e cria condições para que o nível de intimidade possa aumentar?

Parte-se do princípio que a procura por um tipo de turismo que prioriza a convivência com os moradores das localidades visitadas está crescendo. Os encontros estão se apresentando como um diferencial no campo do turismo, sendo capazes de alargar a percepção do indivíduo por meio de trocas de experiências (FORTUNATO e NEFFA, 2011). Os encontros de indivíduos como diferentes percepções da realidade, cria um campo de possibilidade para construção de uma abordagem complexa. Além disso, o maior tempo de permanência dos turistas nas localidades permite que os turistas possam destinar mais recursos aos lugares visitados.

4.3. Vendas: campanhas de marketing

Este indicador procura entender o turismo como um fenômeno social que perpassa o campo da economia e dos negócios, pois alguns atores sociais, que compõem a rede, podem ter dificuldades financeiras e desejar melhorar sua qualidade de vida por meio do turismo. Sendo assim, faz-se necessário pensar uma estratégia de marketing para posicionamento no mercado e garantia da sustentabilidade econômica da iniciativa. Procura-se responder a seguinte questão: realiza campanhas de *marketing* e busca parcerias institucionais para atrair visitantes?

Trabalha-se com o pressuposto que o conhecimento do perfil dos turistas e o estabelecimento das parcerias institucionais são fundamentais para conseguir apoio para os produtos turísticos a serem comercializados. Constata-se, nesse caso, a importância de se recorrer à ideia de rede para buscar o desenvolvimento local por meio do turismo, pois no ambiente das redes criam-se sinergias que facilitam a inovação e a promoção da atividade.

4.4. Vínculos: economia solidária e arranjos produtivos locais

O trabalho no campo dos arranjos produtivos locais procura fortalecer a economia da região na qual o turismo ocorre, incentivando o empreendedorismo para atuação na cadeia produtiva do turismo. É importante ressaltar que, no turismo, assim como em outras atividades econômicas, é importante pensar no fortalecimento da região em detrimento do fortalecimento

exclusivamente individual, e nesse quesito, tornam-se relevantes os trabalhos no campo da economia solidária, pois pretendem unir pessoas que, até então, eram concorrentes e, desse modo, estreitar os vínculos entre os atores sociais que fazem parte da cadeia produtiva do turismo.

Trabalha-se na perspectiva da produção da existência, na qual a reciprocidade e a dádiva são consideradas elementos essenciais. O senso comum faz uso desses elementos cotidianamente em várias regiões do Brasil, como, por exemplo, no Vale do Jequitinhonha (FORTUNATO, 2011).

A principal pergunta a ser respondida nesse indicador é: elaboram-se diretrizes que indicam trabalhos no campo da economia solidária e dos arranjos produtivos locais?

4.5. Veiculação: responsabilidade socioambiental dos empreendimentos

Com base neste indicador, é possível perceber a importância da responsabilidade socioambiental dos atores sociais envolvidos no campo do turismo para sensibilizar os visitantes em relação aos problemas socioambientais, visto que o turismo é conhecido também por sua degradação ambiental e social ao inserir lógicas de produção e de consumo que não contribuem para minimizar os conflitos socioambientais. Neste indicador, dá-se relevância para os trabalhos no campo da educação ambiental e ao compromisso dos atores sociais em veicular suas ações. Parte-se do pressuposto defendido por Rorty (2007) de que a linguagem é uma simbolização do real e que a expressão de uma linguagem por meio da veiculação de novos valores cria possibilidades para emergência de novas realidades. Neste indicador, procura-se responder a seguinte questão: disponibilizam-se informações aos turistas relacionadas à responsabilidade social dos empreendimentos envolvidos?

4.6. Validação: reprodução da tecnologia social

Um dos principais objetivos da formação de redes é a disseminação da proposta, pois a atuação em redes pressupõe um posicionamento político e ideológico em torno de uma concepção do modo de organização dos produtos turísticos. Pressupõe-se que os atores sociais, que utilizam como referência o turismo solidário, estão desejosos de trocar experiências em relação às dificuldades e às potencialidades de seus trabalhos para que outros indivíduos possam se beneficiar da experiência.



Acredita-se no caráter evolutivo das relações e dos modos de produção da existência, nas quais a excessiva competição e a sua lógica de retenção do saber não ofusca as potencialidades da solidariedade. Nesse indicador, pretende-se esclarecer a seguinte questão: possui uma política na perspectiva da Tecnologia Social?

Trata-se, nesse ponto, de trabalhar de acordo com a proposta das ecologias de saberes e contra a experiência desperdiçada (SANTOS, 2006).

5. Rede Brasilidade Solidária e o Caso da “Horta comunitária do Morro da Coroa”

Atualmente, a Rede trabalha em parceria com cinco iniciativas, sendo que três delas estão iniciando o trabalho – o “Turismo Solidário no Complexo do Alemão” no Rio de Janeiro, o “Circuito das Nascentes”, no Bairro do Caleme, e o “Agroecoturismo, no Sítio do Bicho Solto”, ambos em Teresópolis-RJ. Outros dois já trabalhavam com o turismo há algum tempo, mas decidiram aderir à proposta, são eles: “Turismo Comunitário Indígena”, na Amazônia, e a “Horta comunitária do Morro da Coroa” também no Rio de Janeiro. Nesta seção, apresenta-se a horta comunitária, pois a mesma já possui um trabalho consolidado. Faz-se isso com base nos indicadores do turismo solidário que, além de oferecerem diretrizes de atuação, apresenta também um modelo interpretativo do turismo como fenômeno complexo. A pesquisa-ação na Horta Comunitária ocorreu entre 2011 e 2012.

Vale ressaltar que a adesão à rede não significa que todos os indicadores estão sendo contemplados, mas que existe uma pré-disposição de segui-los.

O Morro da Coroa localiza-se no Bairro de Santa Teresa, centro do município do Rio de Janeiro. Em 2005, com a formação de um grupo de fitoterapia no Posto de Saúde deste bairro, alguns voluntários decidiram implantar uma horta em um espaço comum. Para essa iniciativa, foram realizados diversos encontros na associação de moradores local e elaborado um curso para dezoito pessoas com o intuito de instrumentalizá-las para o trabalho com agricultura orgânica. Pode-se dizer que a horta nasceu com a proposta de desenvolvimento de competências para o trabalho e como um projeto comunitário. Além de oferecer alimentos para a mesa dos cidadãos locais, a horta comunitária tem como proposta o trabalho com a fitoterapia, por meio da utilização de espécies vegetais cultivadas no local. Na continuidade



das atividades na horta, alguns parceiros foram incorporados, dentre eles, uma agência de turismo que envia voluntários para, além de trabalharem no local, contribuírem com uma renda mensal para manutenção e promoção da horta. Nessa perspectiva, essa agência desenvolve uma modalidade de turismo denominada “turismo voluntário” para intercâmbio cultural.

Desse modo, percebe-se que os saberes locais tornaram-se atrativos turísticos ancorando-se nas concepções do desenvolvimento endógeno discutidas anteriormente e que a Horta demonstra interesse em buscar parcerias para sustentabilidade econômica do empreendimento. Ao longo do tempo, algumas escolas se interessaram pelo trabalho e o local transformou-se em um espaço de educação informal, por meio do convívio e de encontros para formação de redes. Pode-se ler no *blog* da Santa Horta o seguinte trecho: “Horta Comunitária do Morro da Coroa vem recebendo estudantes de todos os níveis, desde o ensino fundamental até a universidade, e tem se tornado uma sala de aula ao ar livre”. Nesse aspecto, percebe-se que a horta comunitária estimula a educação ambiental e a responsabilidade socioambiental promovendo uma veiculação de ações responsáveis e a incorporação do movimento de tecnologias sociais.

5.1. A importância dos vínculos (vínculos)

Quanto aos moradores do entorno da horta, ainda são poucos os envolvidos nas atividades. Detecta-se a presença de crianças e de adolescentes, mas com frequência irregular/esporádica. A ideia de realizar mutirões com o objetivo de promover a horta responde à necessidade que a comunidade tem de constituir um espaço de convivência que consolide um sentimento de pertencimento e um movimento reflexivo sobre a práxis dos atores locais. Tal prática fortalece a formação de vínculos entre os diferentes atores sociais e constrói uma imagem da interdependência entre as diferentes dimensões que compõem a formação de grupos no campo do turismo. Trabalha-se na perspectiva do desenvolvimento endógeno apresentado por Buarque (2002). No entanto, a horta ainda não consolidou a formação de um arranjo produtivo, apesar de sinalizar para sua importância, fazendo referência à circulação dos produtos, o coordenador da horta, ressalta que o “vizinho já cria galinha” insinuando trocas comerciais.



Na entrevista com um pesquisador da Suécia, pode-se observar certa valorização dos vínculos formados no Morro. No entanto, em seguida, o mesmo diz que tal potencialidade não está sendo utilizada “a comunidade é forte, mas não utiliza isso”. Acrescenta ainda que as pessoas conhecem seus vizinhos, em oposição à “vida mais fria” na Suécia. Nesse ponto, é importante destacar a importância de algumas diretrizes que facilitarão a organização social em um ambiente complexo, com objetivo de aproveitar o potencial comunitário (bem comum) destacado.

Ultimamente, constata-se que a horta tornou-se um espaço privilegiado para estudantes que se dedicam a pensar sobre as plantas medicinais, suas propriedades e diferentes usos, bem como, para aqueles que trabalham com organização comunitária para geração de trabalho e renda.

5.2. Experiências compartilhadas durante o convívio (visitação e vivências)

Durante o convívio, ideias borbulhavam propondo ações de cunho socioambiental, tipificando uma espécie de compromisso social entre os envolvidos. Alguns orientavam os estudantes quanto aos procedimentos técnicos e científicos a serem utilizados para conservação das hortaliças com expressões do tipo “olha que mato cheiroso”, caracterizando certa valorização das relações entre os conhecimentos tradicionais do coordenador da horta em contato com a ciência médica. Assim como propõe Santos (2007) em relação às horizontalidades no campo do saber e contra a experiência desperdiçada. Os estudantes, por sua vez, expressavam que a visita se apresenta como uma experiência “totalmente diferente” da qual estavam acostumados a vivenciar, por “fortalecer o espírito de grupo” e “contribuir para outra forma de ver o mundo”.

Nesse ponto, percebe-se a importância da convivência e do compartilhamento de experiências, assim como proposto pelos indicadores do turismo solidário, e as potencialidades para emergência de inovações na medida em que o saber é partilhado. As trocas de experiência são fundamentais para aumentar o vocabulário dos indivíduos, tornando-os mais aptos a compreender abordagens complexas, pois ao mudar uma linguagem, muda-se a descrição da realidade e, portanto, a própria realidade (RORTY, 2007). Nessa mesma linha de raciocínio, é possível se aproximar das abordagens de Bohr (1995) que pressupõem que a integração do observador à sua observação, outro instrumento de compreensão da complexidade, reintegra o sujeito no processo de concepção das teorias científicas. Em outras

palavras, o sujeito é parte de um todo social e o todo está dentro dele não podendo, assim, ter um ponto de vista objetivo que lhe permita dominar o conjunto da sociedade sem fazer um trabalho de auto-análise que o ajude a se situar e a perceber que seu conhecimento é relativo e passível de incorporação de outros saberes.

A coordenadora do projeto lembrou que um estudante da Irlanda ensinou como fazer um molho “pesto” à base de manjeriço, que hoje se tornou a principal fonte de renda para os trabalhadores da horta. A referida situação converge com as abordagens de ZAOUAL (2006), nas quais as trocas de experiências com respeito pelos sítios simbólicos promovem o desenvolvimento local. Outro estudante, vindo da Suécia, ensinou novas tecnologias de plantio para os moradores da comunidade, intencionando utilizar as lajes como espaço para produção de alimento.

5.3. Disseminação da Tecnologia Social (validação)

Alguns representantes do grupo Santa Horta e visitantes desenvolveram um trabalho na favela do Salgueiro, utilizando as competências utilizadas durante o convívio no Morro da Coroa. Produziram o que decidiram chamar de “kit gripe”, ensinando as crianças, os jovens e os adultos a cultivarem as hortaliças e as utilizarem em caso de gripes e resfriados. Tal fato caracteriza o aprendizado de uma nova competência nas trocas de experiência a disseminação da metodologia Tecnologia Social, visto que o grupo de estudantes e o grupo da Santa Horta passaram a atuar em conjunto depois dos primeiros encontros (Figura 2).



Figura 2. Colaborador da horta e estudante de medicina atuando em conjunto depois da vivência.

Fonte: <http://santahorta.blogspot.com/>

No *blog* do grupo Santa Horta aparece o seguinte trecho que reafirma a importância dos encontros para disseminação da Tecnologia Social: “esses jovens aplicados fizeram treinamento na Horta Comunitária do Morro da Coroa e estão prontos e animados para difundir essa ideia em outras comunidades”. Tal acontecimento ressalta a importância da formação de redes para a promoção do desenvolvimento local, pois sinaliza para partilha de informações, nas quais prevalece certa horizontalidade nos modos de tratar diferentes tipos de conhecimento para que o ensino e o aprendizado ocorram, assim como defendido por Boaventura (2007).

5.4. A formação de redes (vendas e vínculos)

As visitas realizadas no Morro da Coroa remetem à ideia da criação de redes. No momento dos encontros, por exemplo, uma criança orientada por sua mãe recepcionava os participantes e solicitava que se inscrevessem na lista de endereços eletrônicos, informando que todos seriam vinculados à rede do chamado grupo Santa Horta. Nessa ação, percebe-se uma tentativa de consolidação do grupo e uma busca por parcerias. Hoje, o grupo Santa Horta posta suas informações no *blog* Santa Horta, que se tornou uma espécie de vitrine para mostrar suas ações e a Tecnologia Social empregada. Foi possível constatar que as reuniões contribuem para o fortalecimento de parcerias e de reciprocidades. Tais reuniões fortalecem uma das competências essenciais para a formação dos indivíduos: aprender a viver junto e a participar de projetos coletivos. Na perspectiva de Morin (2000), tais ações contribuem para integrar os conhecimentos para a condução de nossas vidas e eliminar as barreiras entre emoção e razão, pois viver junto envolve muito mais do que ações baseadas na razão.

A participação em grupos e sua análise envolvem diferentes dimensões do saber (política, psicologia, filosofia, antropologia e entre outras) e o reconhecimento das interdependências das unidades de significado presente na essência do objeto de estudo, assim como apresentado por Netto (2011) revelam os entraves e as potencialidades dos mesmos.

5.5. Veiculação: o papel dos vídeos e do jornalismo

Durante o período da pesquisa foi possível constatar que diferentes atores sociais investiram no documentário para veicular as ações realizadas na horta comunitária. A edição do primeiro episódio do Programa Retrato Brasil, por exemplo, foi filmado na horta e pode ser visualizado

no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=LiPLA8q8IuY>. Atualmente o vídeo possui 1.137 exibições e dissemina novas formas de pensar o desenvolvimento local por meio do turismo. O vídeo foi exibido durante a comemoração do aniversário de cinco anos da horta comunitária e contribuiu para celebrar o alcance dos objetivos propostos pelo grupo da horta e para fortalecer o sentimento de pertencimento, imprescindível para iniciar projetos voltados para o desenvolvimento local.

Os vídeos podem ser pensados como elementos difusores de posicionamentos políticos, que se diluem pela rede mundial de computadores e influenciam pessoas em um ambiente complexo, nas quais as informações podem conectar pessoas de formas imprevisíveis. Tal fenômeno se aproxima daquilo que Morin (2003) apresenta em relação aos princípios de incerteza no conhecimento.

Durante a “Rio + 20”, um jornalista francês escreveu uma matéria sobre a horta comunitária do Morro da Coroa. Nesse momento, pode-se perceber novamente a importância do papel das redes, que possibilitou o encontro entre pessoas interessadas em temas semelhantes. A matéria jornalística, por sua vez, cumpriu um papel primordial para veiculação das ações realizadas na horta. A matéria pode ser visualizada no seguinte sítio eletrônico: <http://www.politis.fr/Loins-Loins-de-la-conference-de,18723.html>

6. Considerações Finais: apostando na abordagem complexa do turismo solidário

Este artigo demonstrou a importância da abordagem complexa no campo do turismo e da formação de redes sociais, nas quais os membros possuem indicadores baseados nas discussões oriundas do turismo solidário para acompanhamento e medição dos processos turísticos influenciados pela ideia da solidariedade.

Por meio da utilização de indicadores, o campo do turismo se apropria das discussões referentes à ciência na contemporaneidade e cria um espaço propício para que diferentes abordagens contribuam para construir um olhar complexo do fenômeno turístico.

A questão da formação de redes como uma estratégia de ação política e a criação de uma nova linguagem caracterizada pela ideia dos “6 Vs” confere o caráter inovador deste estudo. Tem-se que o turismo solidário é pensado para além da questão das modalidades turísticas e torna-

se um importante instrumento interpretativo para pensar a sustentabilidade socioambiental e o desenvolvimento local. Pode-se constatar que o turismo solidário, pensado a partir de uma abordagem complexa, contribui para construção de novos modelos simbólicos e para o desenvolvimento local.

O turismo solidário, portanto, apresenta-se com uma base epistemológica que se apoia na abordagem complexa, visto que o turismo com foco nas concepções deterministas, mecanicistas e cartesianas, muitas vezes, trata de questões econômicas ou questões socioambientais sem considerar os diversos aspectos que compõem o fenômeno turístico. Com o argumento defendido nesse trabalho, pode-se pensar na epistemologia do turismo com base em uma ciência com consciência (MORIN, 2006) ou, ainda, como na concepção de Boaventura de Souza Santos (2006), em uma ciência prudente para uma vida decente.

Referências

- ACSELRAD, H.; LEROY, J. P. Novas premissas da sustentabilidade democrática. Rio de Janeiro: FASE, 1999.
- BENI, M. C. Política e planejamento de turismo no Brasil. São Paulo: Aleph, 2006.
- BRANCO, S. M. Ecosistêmica: uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1999.
- BORH, Niels. Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- BUARQUE, S. C. Construindo o desenvolvimento local sustentável. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CAPRA, F. O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- COIMBRA, A. O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental. Campinas: Millennium, 2002.
- DESCARTES, R. Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FORTUNATO, R. A.O turismo solidário e a redescrição social no Vale do Jequitinhonha-MG . Rio de Janeiro, PPG-MA/ UERJ, Tese de Doutorado, 2011.
- FORTUNATO, R.A. Encontros no campo do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha-MG. Revista Turismo & Sociedade. Curitiba, v. 6, n. 1, p. 104-123, janeiro de 2013. UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/view/26700/19852>>
- GODBOUT, J.T. O espírito da dádiva. Trad. Patrice Charles F.X. Wuillaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.
- LEFF, E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade. Petrópolis: Vozes, 2001.



- LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2002.
- MACHADO, O.V. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado In: BICUDO, M.A.V. e ESPOSITO, V.H.S (Org). A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MORIN, E. Sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2005.
- MORIN, E; CIURANA, E. R; MOTTA, R.D. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília; UNESCO, 2003.
- MOUROIS, A. Arte de viver. Rio de Janeiro: Vecchi, s/d.
- NEFFA, E.; FORTUNATO, R.; MIRANDA, M. G. Potencialidades das visitas técnicas para o desenvolvimento das competências: o caso da Horta Comunitária do Morro da Coroa. Ambiente&Educação, v. 17, 2002, PP. 29-45.
- NETTO, J. P. Introdução ao método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PELIZOLLI, M. L. Correntes da Ética Ambiental. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- PRIGOGINE, I. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.
- KHUN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RORTY, R. Contingência, ironia e solidariedade. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.
- SANTILLI, J. Socioambientalismo e novos direitos. São Paulo: Peirópolis, 2005.
- SANTOS, B. S. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, B. S. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2005.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2005.
- ZAOUAL, H. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRL, 2006.

Recebido em: 12/12/2012 (1ª versão) 13/08/2013 (2ª versão)

Aprovado em: 20/08/2013